



24º Domingo depois de Pentecostes (30.10.05) Próprio 26

1ª leitura - Miquéias 3:5-12

Miquéias é contemporâneo de Isaias, profeta e dos reis de Judá Jotão (742-735), Acaz (735-715) e Ezequias (715-687). Em 55 anos houve três reis. Para um sistema monárquico, as sucessões eram rápidas demais e mostram as convulsões sociais causadas pela urbanização de Samaria e de Jerusalém, o empobrecimento da vida rural e concentração dos poderes, recursos e bens nos grandes centros e corrupção na justiça e na religião e conseqüente efeito na vida de comunidade.

Nessa situação Miquéias traz uma mensagem de esperança em uma sociedade alternativa inspirada no Pacto de Deus. Em função disso, há palavras de alerta contra Israel e Judá e contra a liderança, e palavras de salvação (4:1-5:15).

O trecho designado para este domingo refere-se à liderança, em particular, aos falsos profetas e falsos juizes. Em que consistia a falsidade da Palavra ou a falsificação da função profética?

No v. 5, havia falsos profetas que faziam do seu serviço, um ministério orientado para o mercado onde a clientela deseja ouvir "boas notícias" de paz e prosperidade.. Há indicação de que eles eram vorazes como animais predadores (3:3) na obtenção de recompensas e benefícios. Enquanto seus apetites eram satisfeitos, a mensagem da paz era proclamada. E se a clientela não correspondesse aos desejos dos "mediadores", alguma coisa como guerra santa vinha como ameaça. As palavras de ameaça da parte de Deus para com esses falsos mediadores são de que a situação chegará a tal ponto (trevas) que não haverá mais adivinhação, isto é, sua função ficará inutilizada (v.6) e eles ficarão envergonhados.

v.7 - cobrir o rosto ou bigode (Ez 24:17, 22) é sinal de lamentação e que se exige de um leproso (Lv 13:45).

Nos v. 9ss o profeta retoma o que dissera nos primeiros dois capítulos e se dirige aos grandes e ao tribunal acusando-os de deturpação do direito e da justiça. Para se ter um relance dessa deturpação, ver 2:1ss; e 3:1ss. Nessa denúncia os sacerdotes são, também, alvos pois num sistema em que não há separação entre religião e Estado, vida religiosa e vida civil, o juízo sobre as transgressões religiosas, por assim dizer, interferia na vida dos indivíduos e da família. Os sacerdotes vendiam o juízo usando o nome de Deus. É a contribuição dos verdadeiros profetas o anúncio da santidade de Deus relacionada com a defesa dos fracos e oprimidos. (*Dom Sumio Takatsu*)

2ª leitura - I Tessalonicenses 2:19-13, 17-20

A leitura de hoje é uma continuação das considerações sobre a relação entre os apóstolos e a Igreja. Num contexto de suspeita e contestação, Paulo lembra a Igreja da experiência da vida, missão e ministério que não só a equipe apostólica mas também a Igreja local compartilhou. A questão não é vista apenas de um lado, mas também de outro lado.



É interessante observar que, dos versos 9 a 12, a atenção recai sobre os apóstolos e no v.13, sobre a Igreja, isto é, o efeito do ministério da equipe apostólica - a Palavra de Deus foi ouvida, recebida, e tornou-se carne, vida entre eles por meio de palavras humanas. Aqui há uma comunhão, interação, diálogo entre duas partes. Nesse contexto, surge uma rica junção de metáforas sobre o ministério apostólico: criancinhas, mãe que as amamenta e delas cuida e pai no mesmo sentido (v.11) e o cuidado ou nutrição expressos de modo sintético no v. 12.

O termo "criancinhas" conota não ser peso. Diz Paulo que eles trabalharam noite e dia... para não ser peso para a Igreja (um ato voluntário contextual estratégico em favor da evangelização, ver I Co 9:1ss que ele sabe argumentar em favor do sustento dele pela Igreja.).

v. 17 - "orfanados", isto é, privados da presença da Igreja de Tessalônica, coroa do ministério apostólico (v. 19), esperança, alegria e orgulho quando da vinda de Cristo. Isto sugere que o ministério ordenado está em função do ministério de todo o povo de Deus, da comunidade batismal, para que ela se expresse e viva como a comunidade do Evangelho, o Cristo (v.12-13) e o caminho é a comunhão e reciprocidade. Toda essa linguagem de relações vem do meio ambiente daqueles dias, só que nela é introduzida uma nova perspectiva de modo que as relações entre pessoas e comunidades sejam percebidas e vividas sob o enfoque da nova criação. Que significa isso para nós? (*Dom Sumio Takatsu*)

Evangelho - Mateus 23.1-12

A censura de Jesus contra os escribas e fariseus, dirigentes da religião da época é um bloco que não deveria ser mutilado, conforme sugere o lecionário. O ideal é ler todo o capítulo, ou pelo menos ir até o v.33. Aqui, os dominadores da religião são denunciados como hipócritas (v.3, 13, 15.), vaidosos e egocêntricos (v.5), enganadores no sentido de desviar o povo do Reino, (v.13), preocupados com as coisas externas (v.5, 25, 27 etc) e serpentes, ou víboras (v.33), guias cegos (v.16), insensatos (v.17) e gananciosos (v.17-21). São palavras muito duras e que devem atingir todos nós, pois estamos sob o constante risco do farisaísmo.

Nesse capítulo vários temas e preocupações aparecem. Entre elas, é possível perceber o tema da liderança. À luz de 20:26-27, a Igreja não deve imitar o padrão da liderança do mundo. Sob essa perspectiva, compreende-se a crítica às vestes que distinguem e colocam os líderes acima da comunidade. Um só é o Mestre. Certamente, aí aparece o conflito entre as sinagogas e a Igreja de Mateus. É nesse contexto que aparecem as palavras de Jesus. Elas são também relevantes para igrejas como a nossa que zelam pelo uso de vestes litúrgicas. Essas devem ser sinal de serviço, simplicidade e despojamento, e não de luxo ou ostentação. "Entre vós não seja assim..."

Seria grave erro ler as palavras de hoje e aplicá-las apenas aos fariseus daquela época ou a lideranças de outras igrejas. A Palavra atinge é a nós. Ela nos acusa e nos adverte para alguns riscos: a) não fazer o que se ensina (v.3), subjugar outras pessoas (v.4), buscar status religioso (v.5-7), etc.



Essas advertências se tornam claras a partir de exemplos encontrados a partir do v.13 – impedir o acesso ao Reino, encobrir a exploração dos órfãos e viúvas com longas orações (v.14), empreender esforços evangelísticos grandiosos para piorar ainda mais a vida dos “convertidos” (v.15), tratar as coisas sagradas com interesses econômicos, envolvendo o próprio nome de Deus (v.16-22), apegar-se ao cumprimento de leis e regras em detrimento de valores maiores como a solidariedade, justiça e misericórdia (v.23), fazer vistas grossas a falhas graves enquanto julga e condena pessoas por falhas menores (esse é o sentido de “coar mosquitos e engolir camelos” v.24), apresentar uma religiosidade de fachada (v.25-28) etc.

Realmente são palavras duras e é preciso coragem da nossa parte para encará-las. Até que ponto iremos em nossa fidelidade ao Evangelho? (*Rev. Carlos Eduardo B. Calvani*)